Paulo Leminski

Paulo Leminski nasceu no dia 24 de agosto de 1944, em Curitiba, onde morreu prematuramente, aos 45 anos, vítima de cirrose hepática. Aos 20 anos publicou seus primeiros poemas na revista concretista *Invenção*. Colaborou com o *Folhetim*, suplemento do jornal *Folha de S. Paulo*, e com a revista *Veja*.

Em 1975, publicou *Catatau*, livro de prosa experimental. Mas foi com o livro *Metamorfose* que, em 1995, recebeu o Prêmio Jabuti. Traduziu inúmeros autores como John Fante, Yukio Mishima e Samuel Beckett. Publicou ainda biografias de Jesus Cristo, Cruz e Souza, Matsuo Bashô e Leon Trotski.

Romancista e letrista, ele contribuiu com o trabalho de importantes compositores de sua época, como Morais Moreira e Caetano Veloso. Como estudioso da cultura japonesa, adotou a fórmula poética do haicai, poema sintético de três linhas. Sua "receita" de haicai é a seguinte: o primeiro verso expressa algo permanente, eterno; o segundo introduz uma novidade, um fenômeno; o terceiro e último é a síntese. É dele, sem dúvida, o maior empenho para a divulgação dos haicais em língua portuguesa.

Leminski participou ativamente do movimento cultural e artístico da segunda metade do século XX. Procurou relacionar dialeticamente a visão crítica da realidade e a sua expressão. Valorizou a palavra, a visão crítica e o impulso poético. Deixou vasta obra com muitos admiradores.

Maiores informações podem ser obtidas no *site* oficial do poeta, no endereço <www.leminski.curitiba.pr.gov.br>.

15 HAICAIS¹

soprando esse bambu só tiro o que lhe deu o vento

confira tudo que respira conspira

duas folhas na sandália o outono também quer andar

casa com cachorro brabo meu anjo da guarda abana o rabo

Seleção e pesquisa de Walter Sousa Júnior.

pelos caminhos que ando um dia vai ser só não sei quando

abrindo um antigo caderno foi que eu descobri antigamente eu era eterno

cortinas de seda o vento entra sem pedir licença

tudo dito, nada feito, fito e deito

tarde de vento até as árvores querem vir pra dentro

tudo claro ainda não era o dia era apenas o raio

essa vida é uma viagem pena eu estar só de passagem

longo o caminho até uma flor só de espinho

noite alta lua baixa pergunte ao sapo o que ele coaxa

a noite-enorme tudo dorme menos teu nome

essa idéia ninguém me tira matéria é mentira